



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 28

Estranhas no ninho

Branca Vianna: Esse é o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Pra mim, já parece uma encarnação distante, mas eu comecei a minha vida de jornada como podcaster em 2018. O programa se chamava Maria vai com as outras. Eram quase sempre duas entrevistas, com duas mulheres, sobre ser mulher no mercado de trabalho. Que é outra forma de falar sobre ser mulher no mundo. E como, muitas vezes, a gente acaba se sentindo uma estranha no ninho.

A gente tentava falar de tudo. Mulheres nas ciências, nos esportes, mulheres gerenciando condomínios enormes, trabalhando em plataformas de petróleo... juízas, motoristas de aplicativo, trabalhadoras do sexo, donas de casa. A gente falava sobre ser ou não mãe, sobre roupa, sobre corpo, sobre aborto.

Foram quatro temporadas e algumas dezenas de episódios. Mas, em todo esse tempo, eu nunca ouvi nada parecido com essas histórias que a Bárbara Rubira vai contar hoje.

ATO 1

Bárbara Rubira: Imagina a seguinte cena: a Tereza, uma mulher aposentada, de 70 e poucos anos, é furtada no Rio de Janeiro. Ela tá no ônibus, alguém abre a bolsa dela, passa a mão na carteira e no celular, e ela nem vê. Ela só vai

se tocar depois, quando ela já tá descendo no ponto, e vê que a bolsa tá aberta.

Pois bem, o que que essa senhora faz? Ela vai pessoalmente até a delegacia mais próxima, pra registrar um boletim de ocorrência.

Thayssa Rios: Aí ela diz que quando ela entrou na delegacia, tinha um policial mais velho assim, né, sentado, ele olhou para ela e falou: "Não acredito! Não é você não!" [risos] Aí ela disse que ela olhou assim na cara dele, aí ele: "pelo amor de Deus, fala que é você", aí falou "não, vem cá, por favor". Aí ela disse que ela olhou assim, começou a rir. Aí ele falou "Meu Deus, a gente não sabe o que tinha acontecido contigo. Se você... Sabe, a gente fazia apostas, se você morreu, se você foi... Presa, a gente sabia que não tinha sido. Mas se você morreu, se você for pra outro lugar... Tem gente inclusive que diz que sabia que você tinha sido morta, que tinha tido enterro seu, velório..."

Bárbara Rubira: Pra esse policial, a Tereza era quase uma celebridade.

Thayssa Rios: Aí ela diz que ela começou a rir. Aí ele pediu ainda pra tirar uma foto com ela, falou: "Posso tirar uma foto, pra mandar pra fulano?" Ela falou: "Epa! Foto, não!" [risos] Aí ela: "Foto nada. Eu, hein, não me pegou até hoje!" Aí ela diz que "Pô, fiquei meio bolada, fui embora, falei eu não vou fazer mais boletim não! Vou embora daqui". Aí foi embora, mas ela disse que ela achou o episódio maravilhoso porque ela falou: "Ih, aquele bobão, deve ter contado pros outros lá, que eu tô aqui, plena, viva, maravilhosa. E eles aí me procurando a vida inteira".

Bárbara Rubira: A Tereza, praquela policial veterano, não era celebridade à toa. A essa altura, com 70 e poucos anos, ela tava aposentada. Mas, dos 14 aos 60, ela tinha construído uma carreira de sucesso no tráfico de drogas do Rio de Janeiro.

Thayssa Rios: Aí ela disse que o cara ainda falou pra ela: "Caraca, tu me deu trabalho, hein? Fiquei atrás de você um tempão. Falou: "Pô, não acredito". Aí, o cara pediu até pra dar um abraço nela. O cara pediu pra dar um abraço nela, porque, pô, não acreditou que ele tava vendo aquela figura na frente dele.

Bárbara Rubira: Não foi pra mim que a Tereza contou essa história. Aliás, Tereza — você já deve imaginar — não é o nome real dela. A traficante aposentada que a gente tá chamando de Tereza contou a história dela pra Thayssa.

Thayssa Rios: Então, meu nome é Thayssa Rios...

Bárbara Rubira: Esse é o nome dela mesmo. Eu conheci a Thayssa Rios quando eu tava trabalhando no Nenê da Brasilândia, que é um podcast original da Wondery produzido pela Rádio Novelo.

Se você não ouviu ainda, terminando esse episódio, procura por "Nenê da Brasilândia" no aplicativo do Amazon Music ou em qualquer outra plataforma. Todos os 8 episódios já tão disponíveis.

Nenê da Brasilândia conta a história da Floripes Souza de Oliveira, a mulher que comandou o maior esquema de tráfico de drogas na cidade de São Paulo nos anos 70 e 80, durante a ditadura militar. Isso bem antes da fundação e do domínio do PCC.

E quando a gente tava pesquisando a história da Nenê, a gente queria entender o quanto o fato de ser uma mulher impactou na trajetória dela no crime.

Foi aí que eu cheguei na Thayssa.

Thayssa Rios: Sou formada em Segurança Pública na minha primeira graduação. Depois eu fiz o mestrado de Justiça e Segurança. Terminei no final do ano passado.

O tema da minha dissertação de mestrado são as mulheres traficantes aqui no Rio de Janeiro. E quais questões de gênero elas enfrentam, tipo, dentro do tráfico de drogas.

Bárbara Rubira: A dissertação da Thayssa na Universidade Federal Fluminense tem o título: "Melhor ter uma mulher na boca do que 10 fuzil: a construção social da traficante entre trabalhadoras e trabalhadeiras em favelas da região metropolitana do Rio".

Essa frase, aliás, "Melhor ter uma mulher na boca do que 10 fuzil", veio da Tereza, a traficante aposentada.

Thayssa Rios: Ela falava assim: "Pô, eu na época era melhor, porque dez fuzil que esses otário gasta não sei quantos mil hoje pra comprar, entendeu? E gasta um dinheirão e compra só pra morrer e pra perder o fuzil, porque não adianta".

É melhor você ter uma mulher na boca do que... do que 10 fuzil, tipo, e do que uma metralhadora, porque você vai ter uma cabeça pensante. Ela falou, tipo, "não adianta você ter 300 pessoas pra sair dando tiro e não raciocinar nada, não ter, não ter estratégia, não ter gestão, não ter mando, não ter logística, não ter nada disso".

Bárbara Rubira: Esse sucesso dela na gestão, ela associa muito ao fato dela ser mulher?

Thayssa Rios: Associa, principalmente na época dela, porque ela diz que na época dela quase não tinha mulheres.

Bárbara Rubira: Tudo começou quando a Tereza tinha 14 anos.

Thayssa Rios: A Teresa era uma adolescente no ano de 1965, que decidiu afrontar o pai e a mãe dela e sair da vida rígida que ela tava vivendo ali, de que ela tinha que ficar em casa, lavar louça, arrumar a casa. Ela tinha vontade de estudar, os pais não deixavam. E a mãe dela tinha casado com 16 anos, com o pai dela, que era 8 ou 9 anos, alguma coisa assim, mais velho que a mãe dela. E ela não queria aquilo pra ela. Ela dizia que ela olhava a vida da mãe dela, falava "Cara, a vida da minha mãe é ficar trancada dentro de casa, ter filho e eu não quero isso pra mim". E aí um dia ela conheceu um cara no bairro dela. Que o pai dela falava que não era gente pra ela andar junto. E aí aquilo começou a despertar curiosidade dela. Porque tudo o que o pai dela achava certo, ela achava errado. Então, se tinha alguém que o pai dela achava errado para ela, tinha alguma coisa ali de interessante [risos].

Aí ela diz que começou a usar da carinha dela bonitinha, de boneca. Ela falou exatamente assim: "Comecei a usar a minha carinha de boneca, da minha cara bonitinha" [risos] pra poder chegar perto do tal do cara que o pai dela falava que não era gente pra ela chegar perto.

Bárbara Rubira: Não foi, assim, uma paixão avassaladora. Bem longe disso, aliás.

A Tereza fala que nem gostava tanto assim dele, pr'além da vontade de contrariar o pai. Mas tinha também um fundinho de interesse: é que esse cara era traficante.

Ele vendia droga e comandava uns assaltos na região.

Thayssa Rios: E ela falou "Pô, ele tem dinheiro, ele tem carro". Ele tinha telefone em casa na época, eu lembro muito ela falando isso. "Olha, ter telefone era uma coisa assim..." Né, que ninguém tinha telefone. Aí ele tinha telefone, na casa dele tinha uma linha telefônica. Então ela queria ser daquele jeito ali. Ela falou: "Eu quero ser desse jeito". A única forma que ela encontrou de ser daquele jeito foi se aproximar dele. Viver um romance com ele. Fugiu de casa, foi morar com ele, aprendeu tudo o que ele fazia.

Bárbara Rubira: O interesse da Tereza era muito menos no cara em si, e muito mais no ofício. Então ela começou a se colocar junto com ele no trabalho do tráfico. Foi fazendo contatos, pegando o jeito...

Thayssa Rios: E aí ela foi, aprendeu as coisas, depois ela participou de uma emboscada pra ele. Ele foi preso e ela assumiu o lugar dele, que ela era a única pessoa que tinha todos os contatos, sabia fazer tudo...

Bárbara Rubira: Ah, ela mesma participou da emboscada?

Thayssa Rios: Ela mesma participou. Ela mesma armou junto com as pessoas. Tipo, ela falou: "Então ele tá dando..." — sei lá, um chute aqui — "Ele tá dando 10 mil, a gente pode começar a conseguir 15, hein, se a gente tirar ele do jogo". E aí tiraram ele e aí ela cumpriu com o que ela prometeu. Ela falou: "Se não for ele e for eu no lugar dele, eu vou passar a aumentar tanto aqui pra vocês". Aí os caras aceitaram, e ela foi fazendo assim.

Bárbara Rubira: A emboscada — pra fazer o namorado ser preso — deu certo. E assim começou oficialmente a carreira longuíssima da Tereza no tráfico.

E essa coisa do romance seguido de emboscada, aliás, virou um modus operandi dela.

Thayssa Rios: Ela ia casando assim, aí ela foi descobrindo, foi, foi indo e ela aprendia as coisas com os caras e depois arrumava um jeito de dispensar eles. Tipo, ela primeiro se fazia presente ali, aproveitava da figura do homem pra poder estar em certos ambientes. Depois que ela fazia os contatos dela, tipo, ela descartava aquela figura que virava um concorrente pra ela, na verdade. Ela tem uma autoestima, assim, muito engraçada, muito elevada. Ela fala de um jeito muito bom. Que ela fala: "Cara, chegou num momento em que o prestígio era ser meu marido, não era eu casar com ele. Ser poderoso era tá comigo, tá na minha casa, tá nas minhas festas, tá comigo". Então ela continuou, tipo, trocando de marido até pouco tempo.

Bárbara Rubira: Pelas contas da Tereza, foram umas 20 trocas de marido... e quase 50 anos de tráfico. A Tereza trabalhava principalmente como gerente, administrando a distribuição de drogas no Rio. E administrando bem a parte da grana, claro. Mas ela chegou, inclusive, a morar em outros estados, pra poder controlar de perto o fluxo do comércio em outros lugares. E, com o passar dos anos, ela acompanhou a evolução do crime organizado do Rio de Janeiro.

Thayssa Rios: Inclusive, ela fala que foi ela que trouxe a Brizola, que hoje em dia é a cocaína, o pó, pra cá. Ela tem mó orgulho de falar isso. Ela fala: "Aqui não tinha. Fui eu que trouxe, fui eu que coloquei aqui". E aí ela fala que ela usava muito da carinha de boneca dela pra poder fazer isso, sabe? Que ela era uma mulher que ela considerava muito bonita, loira, com aqueles olhos bonitos. Aí ela fala muito da bunda dela, ela fala: "Olha minha bunda aqui, minha filha, cê acha que essa bunda que era pra qualquer coisa? Era pra distrair os outros". Tipo, ela não andava armada. Ela fazia essa gestão também, mas ela não andava com a droga em si. Tanto que ela conta que ela foi pega várias vezes pela polícia, ela disse que quando policial, pegava, botava a mão dela, ela já começava a gargalhar. Ela começava a rir e falava: "O que você quer? Vai perder seu tempo e o meu, tá atrasando meu serviço e o seu". Aí ela diz que ele falava "Cara, eu vou andar com as coisas? Todo mundo me conhece, todo mundo sabe quem sou eu"

Bárbara Rubira: Tá explicado o porquê daquele policial veterano ter ficado tão impressionado de encontrar ela na delegacia depois de décadas, né?

Bárbara Rubira: Ela nunca foi presa?

Thayssa Rios: Nunca foi presa. Ela falou que todo mundo sabia que era ela, era ela que fazia o esquema, ela que fazia negócio, ela era super conhecida, super respeitada, ela diz que quando ela chegava na escola de samba da favela, pô, era uma festa! Todo mundo, tipo, abria caminho pra ela passar, sabe, e ela, tipo, feliz da vida.

Bárbara Rubira: Todo mundo, inclusive a polícia, sabia que a Tereza tava metida no tráfico. Mas, como eles nunca conseguiam pegar ela com nada, com nenhuma prova do crime, eles tinham que deixar ela ir embora.

Thayssa Rios: A Tereza, ela teve dois filhos, mas ela falou que foi completamente contra a vontade dela. Ela só teve esses filhos porque ela teve um "deslize" no meio desse caminho todo, desses maridos que ela foi arrumando, e ela de fato se apaixonou por um cara. E aí quando ela se apaixonou por ele, ele conseguiu convencer ela de de ser mãe. Ela falou que antes disso ela já tinha feito vários abortos. Toda vez que ela engravidava, ela abortava, porque ela não queria nunca ser mãe, porque a ideia dela do que era ser mãe era ser a mãe dela, sabe? Era aquela imagem de tudo que ela fugiu. E aí ela engravidou desse cara e morou com ele por uns anos.

Bárbara Rubira: Esse cara, o pai dos filhos da Tereza, é o único da sequência de maridos dela que não era traficante. Nunca teve nada a ver com o tráfico.

Nessa época, a Tereza já tinha uma carreira razoavelmente consolidada no crime. E, na visão dela, o trabalho no tráfico e a maternidade eram duas coisas impossíveis de conciliar. Então, ela quis que os dois filhos fossem criados pela avó, a mãe da Tereza. Era um jeito de se distanciar da ideia de mulher que ela nunca quis ser.

Thayssa Rios: E aí ela não queria os filhos próximos a ela, porque ela disse que se ficasse próximo a ela, ia se tornar como ela, ou viver o meio que ela vivia, e ela não queria aquilo.

Bárbara Rubira: Ela não queria aquilo, mas não teve jeito. Quando o filho mais velho dela cresceu, ele acabou se envolvendo nos negócios da mãe.

Thayssa Rios: Acabou entrando pro crime também, e o filho dela foi assassinado depois por causa dela.

Bárbara Rubira: O assassinato do filho da Tereza foi um divisor de águas na vida dela. Foi depois dessa perda que ela começou a pensar em se afastar do tráfico. Ela chegou a fazer um plano de aposentadoria mesmo. Aos 60 anos, ela ia parar. Ia dedicar o tempo dela a cuidar do neto – o filho do caçula dela, que ainda tá vivo.

Thayssa Rios: O filho dela que tá vivo, ele usa droga, então ele é viciado e ela acha que isso é alguma forma, que ela tá pagando pecado a Deus, porque ela foi uma mulher que foi contra tudo o que deveria ser, então ela acha que isso é uma forma de pecado. E ela resolveu, tipo, largar tudo, entregou tudo e foi ser avó. Aí foi ser aquela avó que faz comida, que coloca criança, que brinca, que leva na escola. E aí ela se afastou pra poder viver esse papel, que ela falou que a morte do filho dela fez ela pensar muito nisso, sabe? Que ela falou que talvez ela tivesse abandonado a vida que ela tinha pra poder ser o papel da mãe dela, o filho não teria morrido. E aí ela considera que tipo, ela fala: "Pô, eu tenho um monte de casa, hoje eu vivo de aluguel, mas o preço foi alto".

Bárbara Rubira: Já faz mais de 10 anos que a Tereza tá aposentada. Hoje, ela vive da grana e dos bens que ela acumulou nas décadas de carreira no tráfico.

Thayssa Rios: Só que ao mesmo tempo também ela fala que hoje ela não se sente mais segura. Tipo, ela fica muito mais em casa, trancada e tal. Ela não sai muito à noite. Ela dizia que ela ia ser uma velha que ia sair, que ia curtir, mas ela não faz isso. Ela fica muito trancada em casa, fuma o cigarro dela, bebe cerveja. Ela fica o dia inteiro com um copinho de um lado, o dedinho assim [risos]. E ela gosta de pegar sol, aí usa fio dental... É muito engraçado, assim, é uma coroa de 74 anos de fio dental, desfilando o dia inteiro de biquíni. Uma vez ela até brincou comigo. Ela falou: "Minha filha, você tem quantos anos?" Na época eu falei, acho que eu tinha 23, 22. Aí ela: "Porque essa bunda aí... Eu sou mais a minha, hein, a minha bunda é mais bonita! [risos]"

Bárbara Rubira: A Tereza é só uma das mulheres traficantes que aparecem na dissertação da Thayssa. Ao todo, ela entrevistou sete mulheres, de diferentes idades, raças e localidades. E cada uma delas com uma trajetória completamente diferente. A ideia das entrevistas era tentar entender como o fato de ser mulher impactava cada uma daquelas sete traficantes no ofício delas.

Thayssa Rios: Eu deixava bem claro que eu não quero saber nada do tráfico, informação nenhuma do tráfico. "É uma questão, assim, de vocês." "Como é que é pra lidar sendo mulher?" Porque não tem tantas mulheres e tal. E, pra minha surpresa, conforme eu ia falando isso, elas super se interessavam. Elas falavam assim: "Não, conversei com você, sim" e tal.

Bárbara Rubira: A Thayssa conta na dissertação que, nas pesquisas dela, ela achou muito pouco material sobre como é ser mulher no crime. A gente tem muitos dados sobre as disparidades de gênero em tudo quanto é mercado. E a gente tem muitos estudos sobre tráfico, traficantes, todas as facetas desse mercado. Mas mulheres no tráfico... quase nada.

Thayssa Rios: Porque é como se elas não existissem. E elas ficam brincando aí com essa invisibilidade. Porque elas mesmas falam isso. Tipo: "Tem hora que é super legal, é maneiro quando eu posso passar no meio da operação policial, olhar pra cara do policial, dar bom dia, boa tarde pra ele, e ele não saber quem tem ideia de que sou eu que tô dominando o tráfico dali". Agora, não é legal quando elas querem uma moral dentro da realidade delas, querem respeito e não tem. Então, quando elas conversavam comigo, elas contavam também muitas coisas que elas não tinham, tipo... Força pra poder reclamar, sabe? Porque se elas chegassem ali dentro da boca de fumo pra falar aquela questão, e falar: "Pô, isso daqui pra mim é um problema", ia ser mais uma chacota, sabe? Não ia ser visto como um problema. E muitas delas falavam pra mim: "A gente passa por tanta coisa aqui, sabe? E não tem ninguém interessado em saber o que tá acontecendo comigo. E elas se sentem muito assim, pelas coisas que a gente conversou, principalmente por serem mulheres. Também, por estar nesse lugar de ser mulher.

Bárbara Rubira: E aqui, é importante a gente colocar o tráfico como um trabalho mesmo. Pra posicionar essa relação de poder no centro da pesquisa dela, a Thayssa coloca o tráfico em pé de igualdade com as outras atividades comerciais, que funcionam dentro da legalidade.

Thayssa Rios: Eu sei todas as todas imoralidades que tem a questão da ilegalidade. Não é esse o meu foco, não é o mercado ilícito de drogas, não é se é certo ou errado, se elas estão a fazer uma coisa boa, se não tá fazendo coisa boa, não é. Não é esse o foco da minha pesquisa. A questão que eu queria trazer era como que mulheres – até mesmo num lugar, sabe, que muita das vezes não é visto como positivo, como uma profissão e tal – e como elas ainda sofrem desigualdade de gênero. Como elas ainda têm problema ali dentro, sabe?

Bárbara Rubira: A Thayssa faz uma analogia que, a princípio, parece um pouco curiosa. Pra desmistificar a coisa toda, ela compara a boca de fumo com uma padaria.

Thayssa Rios: Quando eu falo que é igual a padaria é porque, cara, todo mundo conhece o padeiro, todo mundo sabe quem compra, todo mundo sabe que ali tem, pô, tem pão, tem sonho, tem docinho, tem tudo. Na boca de fumo é a mesma coisa, sabe? Pra galera, é um comércio local que tá ali. Todo mundo sabe que aquilo ali é uma boca de fumo, quem trabalha naquela boca, quem é o dono, quem é o funcionário, quem entrega, quem não entrega, quem vai lá comprar. Então, tipo assim, o funcionamento é como um comércio local, como qualquer outro. Não é uma coisa que ninguém sabe onde é, onde vivem, o que comem, o que fazem os traficantes. Não, todo mundo sabe que são pessoas, que tã ali.

Bárbara Rubira: Quer dizer: pra quem vive numa área dominada pelo tráfico, não tem nada de misterioso, nem obscuro ali. A boca de fumo é um comércio, uma empresa, mesmo. Uma empresa com uma hierarquia muito bem definida.

Thayssa Rios: O dono do morro, o nome já é autoexplicativo [risos]. O dono, ele manda em tudo e nem sempre tá ali no morro. Ele pode ser dono de mais de um lugar ao mesmo tempo. O "frente" fica naquele morro mesmo, especificamente. Ele tá ali de frente, tomando todas as decisões, e geralmente é o contato direto com o dono, eles chamam de

"braço direito" do dono. O gerente geral é quem comanda as outras coisas de baixo, tipo, pra não ficar passando problema pro "frente" o tempo todo. E aí tem a parte de endola, que é droga. Quem fica ali fazendo droga, montando os pacotinhos, contando as coisas pra poder vender. Soldado é quem fica armado, fazendo a segurança tanto da boca de fumo e da parte de guardar droga, armamento, etc. E tem aviãozinho e mula. Tipo, mula, geralmente é quem leva pra presídio. Aviãozinho, leva droga ali pra perto. E quem fica de vapor fica ali na boca vendendo droga.

Bárbara Rubira: Na pesquisa dela, a Thayssa procurou entrevistar mulheres que exercem posições diferentes dentro dessa hierarquia.

Thayssa Rios: Pela minha pesquisa, elas tão em todas, mas é nítido que é muito mais comum você ver mulheres nas posições mais baixas. Aviãozinho e mula é o que mais tem. Entendeu? E eu acho que é a que mais tem, principalmente pelo fato de que os próprios traficantes, eles têm essa ideia de que não existe lugar pra mulher no tráfico. Então, pra eles, a galera de fora também enxerga assim. Então, tipo, é mais fácil você colocar uma mulher pra poder levar droga pra presídio, pra algum lugar, porque ela vai ter mais facilidade. Ela vai passar mais batido pela polícia, pela revista, pelas coisas, pra poder levar droga. E, pra além disso também, eu acho que é uma posição que é muito descartável, sabe? É uma posição que, se for presa, tipo, não dá muito prejuízo pra eles. Eles não ligam que aquela pessoa tá saindo dali. É diferente de você ter um frente de morro preso, um dono de morro preso. Então, assim são pessoas que são substituíveis, são descartáveis, então pra eles não fazem diferença.

Bárbara Rubira: A Tereza, a traficante aposentada, trabalhou em épocas diferentes, claro, com uma estrutura de comando diferente. Mas o trabalho que ela fazia era mais ou menos como o de gerente, lembra? Administrando o fluxo de mercadoria e de dinheiro.

Thayssa Rios: Eu não encontrei nenhuma dona pra poder entrevistar e nem ouvi ninguém falar que conhecia alguma dona dessas que eu entrevistei. Frente, eu entrevistei. A Cicatriz, inclusive, era frente.

Bárbara Rubira: A “Cicatriz” é outra entrevistada da Thayssa. “Cicatriz” não é o nome no RG dela, né, nem o apelido de verdade. Foi um nome que ela mesma escolheu pra ser identificada na dissertação.

Thayssa Rios: A Cicatriz era uma menina que morava na favela desde que nasceu. E ela sonhava em estudar, trabalhar... E aí ela tinha alguns amigos que que eram já da boca, que era amigo dela, de infância, conhecidos e gente da família também. E um dia teve uma troca de facção na favela. Depois de confrontos, teve uma troca de facção e eles expulsaram todo mundo que... A facção que tomou, a facção rival expulsou todo mundo que era da família da galera que tava na boca do morro. E ela foi uma dessas pessoas que saiu do morro, e eles tiveram que ir pra outros lugares.

Bárbara Rubira: Nessa época, a Cicatriz era adolescente. Ela tinha uns 17 anos.

Thayssa Rios: Ficou desesperada, ela e a família dela toda, porque simplesmente perderam tudo e tiveram que ir pra outro lugar. E aí, no meio desse desse caminho ela sofreu um acidente, um acidente, tipo, sério que ela ficou com a saúde bem, bem delicada na época.

Bárbara Rubira: O acidente foi feio. A Cicatriz ficou um tempão em recuperação, e precisou largar os estudos. Só que, pra agilizar a recuperação dela, não dava pra depender só do SUS. E aí, quem acabou bancando o tratamento dela foram alguns traficantes da região pra onde a família dela tinha se mudado depois de ser expulsa do morro.

Thayssa Rios: E aí ela foi e começou a se aproximar. E aí também já tava num ponto em que já não tinha mais dinheiro, não tinha mais nada. Aí ela resolveu falar "eu vou tentar alguma coisa". Que ela diz que na época, quando ela falou que ela queria tentar fazer alguma coisa até estranharam, falaram: "Pô, você não é disso" "Não, quero pagar e também quero ter dinheiro". Ela diz que foi até uma repulsa no início pra ela poder entrar, mas ela acabou que começou, tipo, se envolveu, e começou fazendo assalto. Ela usava justamente dessa ideia de que as pessoas tinham, de que ela não poderia ser uma traficante, pra poder assaltar. Até que ela entrou pro tráfico mesmo. Tipo, parou de fazer

roubo na rua e entrou pro tráfico. E começou. Aí ela começou na posição lá de baixo, foi subindo aos pouquinhos e chegou à frente do morro.

Bárbara Rubira: Do momento em que ela entrou no tráfico até chegar ao segundo cargo mais alto, de frente, foram 10 anos de trabalho duro.

Thayssa Rios: A primeira coisa é que ela tinha que se enquadrar dentro da ideia do que eles pensam que é ser uma mulher responsa. Quando eles ainda a viam como uma mulher.

Bárbara Rubira: Isso porque, segundo a própria Cicatriz, pra ela poder crescer na hierarquia do tráfico, ela teve que esconder todas as características e vontades dela que são socialmente vistas como "femininas". Ou seja: pra conquistar confiança e respeito, ela basicamente tinha que esconder o fato de que ela é uma mulher.

Thayssa Rios: Que ela disse que ela começou a ir com roupas menos femininas. Começou a falar de um jeito mais bruto, com mais gíria. Começou a omitir que ela sentia certas coisas ou pensava, sei lá, ela não contava que ela via novela, entendeu? Porque ver novela é coisa de menininha, né, é coisa de mulher. Começou a entrar nessa de estar camuflada, digamos, ali, no meio da galera. E dali ela pegou confiança, porque ao mesmo tempo, quando ela conseguiu se camuflar e conseguiu essa "masculinidade" ali, que é a masculinidade feminina que eu falei. Então ela foi conquistando a confiança. O cara que era dono do morro gostava dela e colocava. Ele achava ela inteligente, botava lá pra fazer as coisas. Ela foi fazendo a contabilidade na boca, foi indo, foi indo, até que ela virou frente do morro.

Bárbara Rubira: Lembra? Na hierarquia do tráfico, "frente" é a segunda posição mais alta. É o braço direito do dono, é quem comanda de fato os negócios no dia a dia.

Thayssa Rios: E aí, um dia, deu um problema lá, o dono caiu, foi preso. E aí, quando o dono caiu e foi preso, ela falou: "Caraca, mané, que merda, Fulano foi preso..."

Bárbara Rubira: Com a queda do dono, o natural na hierarquia seria que a frente — no caso, a Cicatriz — subisse na cadeia de comando.

Thayssa Rios: "... e agora eu vou ter que assumir o morro. Vou virar dona".

Bárbara Rubira: Pela lógica da hierarquia do tráfico, era isso que ia acontecer.

Thayssa Rios: Aí, dali a dois dias, teve a tal da reunião da firma deles pra poder falar, né, que que ia acontecer e tal. E ela já foi toda – toda preparada dizendo que: "Não, vou falar com eles, que eles podem confiar em mim e tal". E aí os caras anunciaram pra ela, simplesmente, falam: "Ó, Cicatriz. Então esse aqui é o Fulano de Tal, e ele tá vindo, é ele que vai ser o dono daqui, ele vai assumir".

Bárbara Rubira: Chamaram um outro cara, um outro homem, de outro lugar, que não conhecia nada dali, pra assumir como o dono do morro.

Thayssa Rios: "Como assim? Ele que vai assumir? Eu sou frente! A gente tem proceder, ou a gente não tem proceder? Vai botar outra pessoa? Não faz sentido nenhum. Por que que vai botar outra pessoa?" E ela diz que ao mesmo tempo que ela questionou por que que ela ia botar, por quê que eles iam botar outra pessoa, a ficha dela caiu, sabe?

Bárbara Rubira: A Cicatriz tinha conseguido se camuflar entre os homens do tráfico durante 10 anos pra chegar ao posto de frente. Mas uma mulher como dona do morro? Aí ela tava querendo demais.

Thayssa Rios: Ela diz que os caras simplesmente riram, sabe? A moral dela, foi tudo tipo assim, foi derretendo, foi por água abaixo. Porque, tipo, os caras riram e falaram: "Cara, a gente não vai botar uma mulher pra ser dona. A gente vai ficar muito mais fragilizado. Geral vai achar que pode vir aqui tomar o morro a hora que quer, a polícia vai brincar com nossa cara, vai aumentar arrego, confronto vai aumentar, tudo vai aumentar, pô! Não ter condição da gente botar uma mulher pra ser dona de um morro.

Branca Vianna: É interessante porque segue mais ou menos o que acontece com as mulheres em outras áreas. O teto de vidro das mulheres traficantes é esse, né.

Bárbara Rubira: Quando eu contei essa história pra Branca, ela lembrou na hora do "teto de vidro". A ideia de que, numa hierarquia de trabalho, não existe assim uma barreira explícita, uma plaquinha dizendo: nesse cargo não entra mulher.

É um teto invisível. De vidro.

Cê vai indo, vai indo, e uma hora cê dá de cara no vidro.

Foi o que aconteceu com a Cicatriz.

Branca Vianna: A pessoa chega até o segundo nível, mas não vira CEO.

Bárbara Rubira: Exato. O CEO é mais do que tudo uma figura, a figura da cabeça do chefe e tal.

Branca Vianna: Que vai dar confiança aos acionistas. E essa, às vezes os acionistas, nesse caso, são os donos dos outros morros.

Bárbara Rubira: É mais ou menos isso que ainda não passa, acham que não passa uma firmeza, uma confiança. Eles falavam, ah, isso aqui vai virar uma festa, vai baixar poli- vai ter tiroteio todo dia.

Branca Vianna: E não tem nem como saber se é verdade porque nunca teve nenhuma. Então não se sabe se a premissa de que vai dar polícia a toda hora você não sabe se é verdade ou não. É uma suposição.

Bárbara Rubira: Na nossa pesquisa, a gente até encontrou alguns poucos, pouquíssimos casos, de mulheres traficantes que chegaram a cargos de liderança no tráfico no Rio. Talvez você até se lembre de ouvir os nomes de algumas delas no noticiário. Mas cravar que alguma delas chegou a ser dona do morro de fato é bem mais difícil.

Acabavam entrando mais nessa categoria de "frente", mesmo, como a Thayssa explicou mais cedo.

Então tinha precedente pra mulheres nesse cargo de liderança... e não tinha, ao mesmo tempo.

Como você ouviu mais cedo, teve também a Tereza, a traficante aposentada, que teve uma longuíssima carreira de sucesso — mas sem ser CEO de morro nenhum.

E em São Paulo, teve a Nenê da Brasilândia, que chegou a comandar o maior esquema de tráfico de São Paulo na época dela.

É difícil comparar aquele mercado, aquele cenário, com o de hoje.

Colocando a Tereza, a Nenê, e a Cicatriz lado a lado, a gente fica com a impressão de que nem sempre as coisas andam pra frente. Nem na padaria, nem na sala dos executivos, e nem na boca.

Nessa história da Cicatriz, eu perguntei pra Thayssa o que que o antigo dono do morro — o que tinha sido preso — tinha achado de tudo isso. Afinal, a Cicatriz era braço direito dele, né? Ela tinha conquistado a confiança dele...

Thayssa Rios: Ela disse que isso foi uma coisa que ele também falou, sabe? Que ela não tinha condição de ficar ali na posição dele, sabe? Era mais fácil pegar outra pessoa de confiança.

Bárbara Rubira: A Cicatriz, claro, saiu dessa se sentindo traída e desrespeitada.

E aí ela quis pular fora. Se ela ia continuar ralando ali sem poder crescer, então ela não queria mais.

Thayssa Rios: "Então é isso aí. Se eu sou mulher — e sendo mulher, eu não sirvo pra ser dono, então você se vira aí, fica aí com o morro de vocês". Aí ela ainda deu sorte, porque por ela ter muita moral e muito respeito, então ela não apanhou, não sofreu nenhum assim, castigo, nenhuma represália mais forte. Aí ela ficou de castigo em casa, ficou uns meses consideráveis trancada em casa sem poder sair, sem nada. Mas aí ela falou isso pra mim no dia que eu conversei com ela: "Não, mas pelo menos não raspam minha cabeça, não levei paulada, não, não apanhei, não fui expulsa".

Bárbara Rubira: Ela teve "sorte" porque ela não apanhou e nem teve a cabeça raspada à força. Ela "só" teve que passar meses trancada em casa.

Mas não ficou por isso mesmo.

Depois de 10 anos no tráfico e meses trancada em casa, a Cicatriz tinha que arrumar um jeito de ganhar dinheiro. Ela ainda tinha que sustentar a família toda dela.

E, depois de um tempo, ela não viu outra alternativa.

Ela acabou pedindo pra voltar.

Thayssa Rios: E aí, como punição, eles botaram, tipo, tiraram ela de frente e falou: "Você não vai ter mais cargo de poder aqui, tal. Pô, e você não quer, não quer ser macho? Não tá falando que você é boa? Então agora você vai ser soldado". Porque eles tinham que mostrar, tanto dentro ali da boca de fumo quanto pra fora da favela, que o poder tava com eles, que eles que mandavam, e não dar força pra outras mulheres fazerem a mesma coisa, entendeu? Então tipo assim, "Ah, você tem poder, você é boa. Mas pera aí, você ainda é..." É muito essa questão. Eu sempre vou falar isso, que foi aquela coisa do tipo eles rodam rodam, rodam e falam: "Você ainda é mulher".

Branca Vianna: E é uma coisa que não tem nada que ela possa fazer, né?

Bárbara Rubira: Ela tentou de toda maneira que ela pôde.

Branca Vianna: Ela tentou o máximo possível. Caramba, que história!

Branca Vianna: Essa foi a Bárbara Rubira, produtora da Rádio Novelo. A Bárbara, aliás, foi a produtora da série Nenê da Brasilândia – que é um podcast da Wondery produzido pela Rádio Novelo. Todos os 8 episódios de Nenê da Brasilândia já são disponíveis gratuitamente no Amazon Music e em todas as plataformas. Quando terminar esse episódio, procura lá: Nenê da Brasilândia.

Essa reportagem foi produzida com o apoio da Amazon.

A segunda história do episódio de hoje tem a ver com outro jeito de ser uma estranha no ninho.

Muitas vezes essa estranheza é uma combinação de coisas.

De quem a gente é, mas também de onde a gente veio – e o que a gente percebe que os outros não percebem.

E às vezes a estranheza vem de fora.
Não é só a gente se sentindo estranha.
Tem outras pessoas que percebem também.

Quem conta essa é a Natália Silva.

ATO 2

Silvana Nunes: Alô...

Natália Silva: Silvana?

Silvana Nunes: Oi! Ela mesma!

Natália Silva: Quando eu procurei a Silvana Nunes, eu confesso que eu tava com medo de ela cortar logo a conversa. De ela desligar na minha cara assim que soubesse do que eu queria falar com ela.

Porque eu sabia que era um assunto delicado. Que podia ser incômodo. Mas, acho que quando ela topou me atender, ela já tava desconfiada do rumo da entrevista. Não era a primeira vez que alguém questionava a Silvana sobre o que ela faz.

Silvana Nunes: Então, eu passei muito por isso... quando eu fiz o mestrado em ensino de História na Uerj...

Natália Silva: Mais do que questionar, na verdade.

Silvana Nunes: Eu tive colegas negros que pararam de falar comigo.

Natália Silva: Os colegas negros da Silvana no mestrado pararam de falar com ela por causa do trabalho dela.

Silvana Nunes: Eu sou professora do sexto ao nono ano.

Natália Silva: Não por causa desse trabalho. Mas desse aqui:

Silvana Nunes: E sou guia de percurso na cidade de Vassouras, que foi uma das cidades mais importantes na época da economia, né, cafeeira aqui na nossa região, quando o Brasil ainda era império.

Natália Silva: Vassouras é uma cidade no interior do estado do Rio de Janeiro, no Vale do Paraíba.

E o Vale do Paraíba é aquela região que a gente aprende na escola, que foi o cenário do primeiro ciclo de cultivo intensivo de café no Brasil. Ainda hoje daria pra gravar uma novela sobre essa época lá. Tem muita coisa que ainda tá de pé: as igrejas, os casarões antigos, uma senzala ou outra... tudo espalhado entre morros pelados onde, antes do café, devia ter uma mata fechada.

Foi nesse lugar que a Silvana nasceu. E ela conhece muito bem a história da região. Não é só porque ela é historiadora e guia turística. Quando ela ainda era pequena, ela já sentia que o passado daquele lugar se impunha sobre ela.

Silvana Nunes: Estar no interior do Rio de Janeiro, uma cidade altamente aristocrata, é você, já viver, é você já crescer sabendo que você é diferente.

Natália Silva: "Diferente" da alta aristocracia. Mas parecida com quem foi levado pra lá pra sustentar essa mesma alta aristocracia. A Silvana é uma mulher negra. Negra como aqueles amigos dos tempos de mestrado que pararam de falar com ela...

Silvana Nunes: Porque diziam que eu estava enaltecendo a história desses senhores.

Natália Silva: A cidade onde a Silvana vive e trabalha tem um histórico problemático na forma de lidar com a memória. Não com qualquer memória... com a memória da escravidão especificamente.

Em 2016, Vassouras virou notícia nacional depois que uma reportagem publicada pelo Intercept Brasil revelou que uma fazenda de lá tinha virado tipo a Disney da escravidão. A repórter Cecília Olliveira foi até lá e viu com os

próprios olhos um passeio em que pessoas negras vestidas como escravas serviam bolo e café pros turistas.

Depois da repercussão, a Fazenda Santa Eufrásia – onde aconteceu isso – foi investigada pelo Ministério Público Federal. A dona da fazenda se comprometeu a colocar placas com os nomes de 162 pessoas que foram escravizadas e um texto que dizia que o lugar tinha sido palco de um crime contra a humanidade no século passado.

Então, assim: eu não tô sozinha de achar esquisitíssima essa nostalgia de uma época em que uma parte enorme da população brasileira tava sendo torturada – e isso só era lido só como "modelo econômico".

Toda vez que eu vejo uma cena dessas de cosplay da escravidão, eu fico intrigada. Primeiro porque eu não consigo aceitar que alguém goste de ver isso. Então, sinceramente, o público desses passeios pouco me interessa.

Mas o outro lado da cena, sim, me atrai. Quem topa se prestar a esse papel? Pra enaltecer senhores de escravos?

A resposta óbvia é a necessidade. Necessidade e falta de conhecimento, talvez. Mas aí... tem a Silvana. Que conhece bem Vassouras. Que é professora de história.

Por que ela ia fazer alguma coisa que levasse outras pessoas negras a acusarem ela de enaltecer quem escravizou?

Sempre tem uma história por trás do jeito que as pessoas agem, né? E eu queria saber qual era a história que a Silvana tinha pra me contar.

Silvana Nunes: Então, eu trabalhava num hotel...

Natália Silva: Um hotel em Vassouras, como recepcionista, alguns anos atrás.

Silvana Nunes: E eu via as pessoas querendo saber a história da cidade, e os turistas vinham para cá, isso há 30 anos atrás, 32 anos atrás.

Natália Silva: E esse hotel onde a Silvana trabalhava decidiu criar um passeio histórico. Uma "experiência" que ia ser oferecida nas fazendas da região.

Como a história da região girava em torno do café... a experiência era um café da tarde.

Silvana Nunes: Aí nós nos vestíamos de mucamas, ou seja, escravizadas de dentro de casa, e íamos nos lugares para servir o café e tal.

Natália Silva: Descalças, vestidas com roupas bem simples, de algodão branco. E quietas. Nenhuma mucama podia dar um pio. Pra dar uma ideia de como era aquele lugar no auge das plantações de café. A situação toda era bem parecida com o tal passeio na Fazenda Santa Eufrásia que o Intercept relatou... mas essa história que a Silvana tá contando aconteceu muito antes, uns 30 anos atrás.

Silvana Nunes: Só que em algum momento, Natália, aquilo começou a me incomodar, essa nostalgia, e essa coisa das pessoas ficarem felizes, né, de serem servidas por alguém, em pleno século XX, naquela época, vestida de escravas, sabe? E aí eu comecei a me questionar como pessoa. "Quem era eu?", né? "Por que eu tinha que servir a mesa?" "Por que eu tinha que agradar as pessoas daquela maneira?"

Natália Silva: Naquela altura, a Silvana só sabia que ela não gostava daquela situação, num gostava do que tava acontecendo ali, mas ela não conseguia dizer o motivo.

Silvana Nunes: Você começa a falar assim: "Mas o que me incomoda?".

Natália Silva: Foi aí que a Silvana decidiu mudar o rumo da vida dela. Ela pediu demissão, saiu da recepção do hotel e prestou vestibular pra estudar... História. E virou professora.

Silvana Nunes: E aí o estudo vai abrindo janelinhas, né, compartimentos, mexendo com a sua dor, mexendo com o que incomoda.

Natália Silva: O incômodo dela não tava enraizado não só no presente, mas no passado de Vassouras que insistia em se fazer presente. Porque era um passado de que parte das pessoas ali sentia nostalgia. Achava bonito.

Depois que essa ficha caiu, a Silvana podia ter saído de Vassouras. Procurado uma outra cidade pra trabalhar, um lugar mais perto do século 21.

Mas ela ficou. Não só ficou, como o plano dela era voltar pra essas mesmas fazendas e hotéis onde ela servia café vestida de mucama.

Silvana Nunes: Mas para contar a história dos meus.

Natália Silva: Dos ancestrais dela. De pessoas que foram escravizadas em Vassouras.

Só que pra voltar a trabalhar nesses hotéis – mas com essa nova agenda – a Silvana sabia que ela ia ter que negociar. Ser estratégica. Não dava pra ela contar a história da escravidão como ela fazia com os alunos dela.

Silvana Nunes: E no turismo é diferente de você estar dentro de uma sala de aula. As pessoas quando vão para um passeio turístico, elas querem ficarem... como é que eu vou te dizer? Encantadas, inebriadas, né?

Natália Silva: Além de ter que encantar os turistas, a Silvana não podia contrariar o dono da fazenda.

Silvana Nunes: Porque que a fazenda tem um proprietário. Ele podia fechar a fazenda e dizer: "Eu não quero que conte essas histórias na minha fazenda", não podia?

Natália Silva: Podia, claro, era bem possível. Provável, na verdade. "Não quero que conte essas histórias" é o resumo de como o Brasil lida com a memória da escravidão. Ignorando completamente. 100%.

Mas a Silvana arrumou um jeito disso não acontecer. Ela conseguiu entrar na fazenda. E falar do que ela queria...

Silvana Nunes: Tinha um senhor aqui que faleceu, seu Toninho Canecão, ele era de um quilombo chamado Quilombo São José, e ele fala uma frase que eu nunca esqueci que... "A gente não quer tirar o retrato do Barão da parede, a gente só quer colocar o nosso lá dos escravizados, né, em pé de igualdade, é só isso que a gente quer".

Natália Silva: Colocar um retrato na parede sem mexer no outro. Ela começou a contar a história de pessoas escravizadas sem mexer no jeito como a história dos barões de café – dos senhores de escravos – é contada.

Silvana Nunes: Então eu vou falar desse senhor como um ser humano, que tem defeitos, que tem qualidades, né, que tem um pensar, mas que é um homem do seu tempo. Em sala de aula, nós vamos fazer uma análise sobre. Quem é esse homem, de que forma que ele se trata, de que forma ele está no poder, né? Então, realmente tem que ser feito de uma forma crítica... De poder, de tempo, de política, de questão financeira, de questão econômica. Isso também é falado no turismo, mas não é feita uma análise mais, mais enxuta, mais reflexiva... então, por isso que eu digo que a gente só joga semente no turismo.

Natália Silva: Dentro dessas fazendas, o que a Silvana faz pra "encantar" os turistas, deixar eles "inebriados"... por um lado, é exatamente a mesma coisa que ela já fazia antes. Se vestir como uma pessoa que foi escravizada. Mas com um detalhe estratégico que muda tudo.

Silvana Nunes: A estratégia era dar o nome à minha personagem, porque ela precisava ser pessoa, e só as pessoas têm nome, né? Então eu não era mais uma mucama que servia a casa. Eu era, eu tinha, eu era uma pessoa que tinha o nome e para ter esse nome eu precisava ter uma documentação.

Natália Silva: A documentação de pessoas escravizadas é muito precária. Mas, em Vassouras, aconteceu um episódio marcante, que deixou alguns rastros. E nomes.

Foi a Revolta de Vassouras, em 1838.

O estopim foi o seguinte: numa fazenda, que já tinha a fama de aplicar castigos pesados, um capataz matou um escravo. Isso gerou uma comoção entre as outras pessoas escravizadas. Aí um grupo protestou pra que o dono da fazenda tomasse alguma providência – desse uma lição, punisse o capataz. Mas o cara não fez nada disso. E aí a indignação aumentou, e os escravos decidiram fugir.

Os líderes dessa fuga foram o Manuel Congo e a Marianna Crioula – que eram propriedade desse senhor de escravos que não tinha tomado providência.

Não se sabe ao certo quantas pessoas fugiram, mas foi bastante gente. O suficiente pra esse senhor – e outros senhores da região – ficarem preocupados e pedirem ajuda pra Guarda Nacional.

O Manuel Congo foi condenado à morte, pra passar o recado pra todo mundo de que não era pra tentar fazer aquilo de novo. Os outros fugitivos foram capturados e levados de volta pras fazendas. Esse foi o destino da Marianna Crioula.

A Marianna é um dos personagens que a Silvana incorpora pra contar a história de Vassouras. Pra mostrar que as pessoas escravizadas tinham estratégia, se organizavam e protestavam contra a escravidão.

A Silvana acredita que esses dois retratos juntos na parede, de quem escravizou e de quem foi escravizado, bastam pro que ela quer: colocar os turistas pra pensar.

Silvana Nunes: Então se elas param pra pensar e pra refletir, a gente já conseguiu balançar um pouquinho essa estrutura, né? De endeusamento, dessa nostalgia, né? Só ao período imperial, só aos barões e baronesas, né. O que eu pretendo fazer no meu trabalho é desconstruir esse olhar, mas não desqualificá-lo, percebeu? Eu não sei se estou conseguindo ser clara.

Natália Silva: Sem ser crítica, você quer dizer?

Silvana Nunes: Não, eu sou crítica, eu só não sou incisiva.

Natália Silva: Foi isso que incomodou os colegas da Silvana. Ela falar de um jeito menos... incisivo sobre os proprietários de pessoas escravizadas.

Silvana Nunes: E a minha pergunta sempre pra eles era: você conhece Vassouras? Você já foi lá?

Natália Silva: Se não fosse assim, desse jeito estratégico, a Silvana tem certeza de que ela nunca ia ter conseguido pisar numa fazenda de Vassouras pra dizer as coisas que ela diz.

Silvana Nunes: Então, assim, o que eu reajo à crítica é: "vamos lá. Assista o meu trabalho, me dê sugestões, me ensina a fazer melhor". Agora, sair dali vai me adiantar do quê? Se as pessoas que têm controle, poder e política frequentam esses espaços. Para essas pessoas que eu tenho que falar.

Natália Silva: Porque são essas pessoas que ainda precisam entender por que não dá pra ter saudade desse passado.

Silvana Nunes: E eu tento também trazer para a atualidade, sabe, Natália? O que hoje isso deixou de legado para a gente? Que racismo é esse? Que ideias foram plantadas, a partir do século 19, início do século 20, para que nós não tivéssemos direito a nada, né? Que democracia racial é essa que dizem que existe no Brasil e que na verdade não existe, né?

Natália Silva: Assim como a Marianna Crioula e outras tantas pessoas escravizadas resistiram diante da escravidão – usando infinitas estratégias pra isso – a Silvana encontrou o jeito dela de sobreviver no mundo que nasceu desse passado.

Certo mesmo seria que toda essa gente que se beneficiou da escravidão fosse obrigada a preservar e a contar essa história. Pra que ela nunca mais se repita. Só que o Brasil decidiu apagar o passado – ou pelo menos fazer de tudo pra apagar o passado, como se isso fosse possível. E o caminho que a Silvana escolheu pra resistir foi esse.

Silvana Nunes: E isso é você circular nesse espaço que lhe é negado, não é, mas, de alguma forma, tentar combater toda essa dor que a gente traz na nossa ancestralidade, né. Que só falar de dor... eles já sabem que a minha dor. E quando alguém já sabe minha dor, ele pode se negar a entender. Ele pode se negar a ver. E ele pode achar chato. E aí eu posso perder um colaborador, eu posso perder a integrante da visita ou posso criar um clima desagradável numa coisa que você comprou para o seu lazer. Então é sempre uma reflexão sem agressividade, sabe?

Natália Silva: A gente não precisa concordar com a Silvana de que esse é o melhor caminho. Mas não dá pra negar que esse é um caminho. E essa discordância entre a Silvana e os colegas de mestrado dela mostra que existem outros caminhos. Vários. Diversos... porque as pessoas negras são diversas.

E todas elas... quer dizer, todas nós precisamos encontrar um caminho próprio. Uma estratégia pra sobreviver e pra viver num país que nem queria que a gente tivesse aqui.

Silvana Nunes: Eu realmente acho que... que, acredito, né, não acho, acredito que a gente só sobreviveu a todo esse horror pelas nossas estratégias, sabe? Pela nossa coisa de estar junto, de contar a história, de se fortalecer, do respeito ao mais velho, do respeito à sabedoria ancestral, sabe, desse poder de negociar. E estratégia também assim como eu tenho hoje. E que ela pode ser sutil como a minha ou ela pode ser radical, como você envenenar alguém. Como você matar alguém, sabe? Depende do tamanho da sua dor. Se alguém um dia me convencer que eu esteja errada, eu vou pedir desculpa. Mas eu pelo menos vou ter tentado, entendeu, Natália?

Natália Silva: Depois de ouvir a história que a Silvana tinha pra me contar, eu entendi.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora do Rádio Novelo Apresenta.

Muito obrigada por ouvir a gente mais essa semana.

Aliás: cê tá em dia com todos os 28 episódios do Rádio Novelo Apresenta? A nossa ideia, quando a gente desenha cada episódio, é que ele não fique velho: que você possa ouvir ele na hora que sai – ou daqui a três semanas, ou daqui a cinco anos. Então lembra disso quando cê tiver procurando alguma coisa pra escutar.

Pra não esquecer de ouvir a gente toda semana, o melhor jeito é assinar a nossa newsletter – que, de quebra, ainda vem com uma dica esperta de

alguém aqui da equipe; e também curtir o Apresenta no aplicativo que você ouve podcast.

Se quiser dar uma forcinha e ajudar o Apresenta a chegar em mais gente, aproveita logo pra dar cinco estrelas, deixar um comentário no episódio no Spotify, fazer uma resenha pro podcast na Apple... E não esquece que a gente tá no Instagram e no Twitter também, sempre no @radionovelo.

No nosso site, pra cada episódio sempre tem algum materialzinho a mais. Essa semana, tem fotos da Silvana Nunes em ação, interpretando o papel da Marianna Crioula – e também o link pra você ouvir todos os episódios de Nenê da Brasilândia.

Se você tiver uma história que é a cara do Apresenta, manda pra cá: apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva.

A checagem deste episódio foi feita pela Camila Olivo.

A Mariana Leão colaborou na montagem desse episódio, e a Julia Matos fez a sonorização.

Nesse episódio usamos a música do Maria vai com as outras, repaginada pela Mari Romano; a música original do Nenê da Brasilândia de Stela Nesrine e Amon Medrado; música original de Victor Rodrigues Dias composta especialmente para o Rádio Novelo Apresenta; e, também, música adicional da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.
Obrigada, e até a semana que vem.